



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DONAS DA BOLA
DENTRO E FORA DOS GRAMADOS, MULHERES CONTAM SUAS
EXPERIÊNCIAS NO FUTEBOL

BRENO MODESTO FREITAS

GOIÂNIA

2021



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DONAS DA BOLA
DENTRO E FORA DOS GRAMADOS, MULHERES CONTAM SUAS
EXPERIÊNCIAS NO FUTEBOL

BRENO MODESTO FREITAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Pontifícia
Universidade Católica de Goiás
como requisito final para a
conclusão do Curso de
Comunicação Social – Habilitação
em Jornalismo, orientado pelo
Professor Me. Enzo de Lisita.

GOIÂNIA
2021

FREITAS, Breno Modesto. **DONAS DA BOLA
DENTRO E FORA DOS GRAMADOS, MULHERES CONTAM SUAS
EXPERIÊNCIAS NO FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Comunicação/Curso de Jornalismo. Goiânia/ 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Ms. Enzo de Lisita

Prof. Ms. Bernadete Coelho de Sousa Santana

Jornalista Paula Parreira da Silva

Dedico esse trabalho à minha mãe, à minha tia Guiomar e à minha avó Estelina, que foram minha base durante toda a caminhada que me trouxe até aqui. Dedico também à minha amiga Paula, que sempre me incentivou, apoiou e acreditou nos meus sonhos. Dedico à Michelle, à Nathália, à Patrícia e à Victoria, que contribuíram para a realização do documentário, e às mulheres que, de uma maneira ou de outra, estão envolvidas com o futebol. Por fim, dedico aos meus familiares, amigos e colegas, que também foram peças fundamentais durante esses seis anos, torcendo pelo meu sucesso desde o início desta trajetória.

Breno Modesto Freitas

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu o dom da vida e que me capacitou para realizar este sonho de infância. Agradeço também à minha **mãe**, à minha **tia Guiomar**, à minha **avó Estelina** e à minha amiga **Paula**, que foram as pessoas que mais me deram apoio e suporte ao longo de todo o tempo em que estive na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Sem elas, nada disso seria possível.

Agradeço também à **Michelle**, à **Nathália**, à **Patrícia** e à **Victoria**, que foram as personagens principais neste documentário e retrataram muito bem a realidade que vivem muitas das mulheres que trabalham no mundo do futebol. Agradeço ainda a todos os meus amigos e familiares que, de uma forma ou de outra, sempre me incentivaram e apoiaram.

Por último, mas não menos importante, agradeço imensamente ao professor **Enzo De Lisita**, que me orientou na realização deste trabalho e que foi um amigo durante a minha jornada na faculdade.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, **Donas da Bola – Dentro e fora dos gramados, mulheres contam suas experiências no futebol**, trata-se de um documentário. O objetivo é mostrar as funções que uma mulher pode exercer dentro do futebol, que é o esporte mais praticado no Brasil. O filme retrata as experiências profissionais de quatro mulheres envolvidas diretamente com a modalidade no Estado de Goiás, seja dentro de campo, como atleta ou árbitra, até fora dele, como jornalista. São relatos sobre momentos da carreira de cada uma delas. Além do mais, o documentário traz um olhar sobre o preconceito e assédio sofrido por muitas mulheres que trabalham no meio do futebol. **Donas da Bola – Dentro e fora dos gramados, mulheres contam suas experiências no futebol** tem o intuito de ajudar na luta contra o preconceito sofrido por essas mulheres e repudiar qualquer tipo de machismo sofrido por elas.

Palavras-chaves: Documentário. Mulher. Bola. Futebol. Experiências.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. A MULHER E SUAS FUNÇÕES NA SOCIEDADE.....	10
1.1 A MULHER NA IDADE DA PEDRA.....	10
1.2 A MULHER NA ANTIGUIDADE: GRÉCIA, EGITO E ROMA.....	10
1.3 A MULHER NA IDADE MÉDIA.....	12
1.3.1 Caça às bruxas.....	13
1.4 A MULHER NA IDADE MODERNA.....	13
1.5 A MULHER NA IDADE CONTEMPORÂNEA.....	14
1.6 A LUTA PELOS DIREITOS.....	15
1.7 A INSERÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO.....	17
1.7.1 As pioneiras no jornalismo esportivo no Brasil.....	18
1.8 MICHELLE PEIXOTO SAFATLE.....	19
1.9 NATHÁLIA FREITAS MARCELINO.....	20
1.10 PATRÍCIA PEREIRA DOS SANTOS.....	20
1.11 VICTORIA LEITE MARTINS FERREIRA.....	21
2. DOCUMENTÁRIO.....	22
2.1 DOCUMENTÁRIO E OUTROS GÊNEROS AUDIOVISUAIS.....	23
2.2 DOCUMENTÁRIO E FICÇÃO.....	23
2.3 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO.....	25
2.3.1 Linguagem.....	26
2.4 TIPOS E FORMATOS.....	27
2.4.1 Formatos.....	28
2.5 DOCUMENTÁRIO NO BRASIL.....	29
2.6 ETAPAS: PRÉ, PRODUÇÃO E PÓS.....	31
3. METODOLOGIA.....	35
3.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I.....	35
3.2 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II.....	36
CONSIDERAÇÕES.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE – ROTEIRO FINAL.....	43
ANEXOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	48

INTRODUÇÃO

O produto desenvolvido é um documentário que tem como objeto de estudo quatro mulheres que trabalham com futebol em Goiás. O intuito principal do filme é dar voz a essas profissionais que, na maioria das vezes, sofrem com algum tipo de discriminação, preconceito e até mesmo assédio por conta disso.

Além disso, outra intenção deste trabalho é chegar até o público que costuma acompanhar o esporte em todo o Estado, servindo também de base ou como um exemplo para futuros trabalhos que possam a vir discutir o mesmo tema ou algo similar.

A escolha pelo tema abordado se deu pelo fato de eu sempre ter mulheres como inspirações em minha vida, seja pessoal ou profissionalmente, e também por conta da minha paixão pelo esporte, mas, principalmente, pela sensibilidade em relação ao assunto. Entendo que, de uma forma ou de outra, a luta de várias mulheres que buscam fazer sucesso através do futebol precisa ser, cada vez mais, apoiada e incentivada, a fim de que o preconceito que as cerca cesse.

Há ainda o desejo de que os tabus e culturas machistas envolvendo mulheres e o futebol, em qualquer contexto, sejam desmistificados e quebrados, revolucionando pensamentos e ideias ultrapassadas e que não cabem nos tempos atuais.

Os principais pontos levantados ao longo do trabalho foram as origens das personagens, como se deu suas inserções nas profissões nas quais elas estão, os desafios e principais feitos no exercício da profissão, os momentos mais difíceis e também mensagens incentivadoras para que o legado que elas estão deixando nos dias de hoje seja seguido pelas próximas gerações.

Além disso, o documentário **Donas da Bola – Dentro e fora dos gramados, mulheres contam suas experiências no futebol** serve como uma forma de repudiar todo e qualquer tipo de preconceito, ofensa, discriminação e assédio sofrido por qualquer mulher em qualquer lugar.

Por fim, cito a oportunidade de ter colocado em prática, neste trabalho, grande parte do conhecimento adquirido ao longo dos anos em que estive na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e pude frequentar as disciplinas audiovisuais. Ao finalizar minha jornada com este documentário, concluí que estou apto

a ingressar no mercado de trabalho com a capacidade em realizar produções desta natureza audiovisual.

1. A MULHER E SUAS FUNÇÕES NA SOCIEDADE

A mulher, historicamente, sempre teve de ser conservadora, inocente, pura e casta, se portando de acordo com os comportamentos adequados impostos pela sociedade de cada época. Seu reconhecimento sempre esteve ligado ao instinto materno e por contribuir para os costumes e para a cultura dos povos. As mulheres casadas sempre tiveram o dever de viver em função do seu esposo. O sucesso da mulher esteve literalmente ligado a um casamento e a ter herdeiros, então, elas sempre deveriam estar arrumadas e belas para o seu esposo.

1.1 A MULHER NA IDADE DA PEDRA

Conhecida também como “era dos homens das cavernas¹”, a pré-história sempre descrevia as mulheres vivendo em um ambiente doméstico e em família, mas, com a descoberta dos fósseis femininos de Lucy² e Luzia³, houve uma quebra nessa hegemonia máscula no período.

De acordo com Rainer Gonçalves Sousa⁴, o papel limitado da mulher era apenas uma reprodução dos valores patriarcais que dominavam a ciência. Existem vestígios que comprovam que as mulheres ajudavam no corte das carnes e também no deslocamento dos animais. Encontram-se também a presença de vestígios de pinturas, de atividades artesanais e da fabricação de armas com comprovação de autoria feminina, na Austrália.

Notamos que a participação feminina na idade da pedra foi bem mais do que nos foi contada, e, graças a uma revisão e mais pesquisas realizadas, essa imagem está sendo alterada e dando credibilidade à mulher.

1.2 A MULHER NA ANTIGUIDADE: GRÉCIA, EGITO E ROMA

Na Grécia, as mulheres eram consideradas como uma parte integrante do pai ou do esposo, suas funções eram apenas os afazeres domésticos e a submissão ao esposo.

¹ Recebeu essa nomenclatura devido a quantidade de fósseis encontrados eram presumidamente do sexo masculino.

² Com cerca de 12.500 a 13.000 anos, é o fóssil humano mais antigo encontrado na América do Sul, que pertenceu a uma mulher que morreu entre os seus 20 a 24 anos de idade.

³ É um fóssil de *Australopithecus afarensis*, de 3,2 milhões de anos, descoberto em 1974 pelo professor Donald Johanson

⁴ Mestre em História pela UFG

A mulher, durante a sua infância depende de seu pai; durante a juventude, de seu marido; por morte do marido, de seus filhos; se não tem filhos, dos parentes próximos de seu marido; porque a mulher jamais deve governar-se à sua vontade. As leis greco-romanas dizem o mesmo. Enquanto moça está sujeita a seu pai; morto o pai, a seus irmãos e aos seus agnados; casada, a mulher está sob a tutela do marido; morto o marido, não volta para a sua própria família porque renunciou a esta para sempre, pelo casamento sagrado; a viúva continua submissa à tutela dos agnados de seu marido, isto é, à tutela de seus próprios filhos, se os têm, ou, na falta destes, à dos mais próximos parentes do marido. O marido tem sobre ela tanta autoridade que pode, antes de morrer, designar-lhe tutor, e até mesmo escolher-lhe novo marido (COULANGES, 1996, p.69).

Já os espartanos, tinham uma visão completamente diferente. Acreditavam que elas deveriam estar preparadas para o esforço físico mais do que os homens, por terem aptidão física por natureza, que é a responsabilidade de dar origem a indivíduos aptos para compor o exército.

Já as mulheres livres de Esparta, cidade agrícola e guerreira da região da península do Peloponeso, possuíam maior liberdade do que as mulheres de Atenas. Durante os séculos VI ao III a.C., tinham o dever de dar à luz a filhos vigorosos e a praticar ginástica junto aos homens, de cuidar da casa e exercer o comércio. Além disso, as mulheres pertencentes à aristocracia espartana possuíam o direito de herança e influenciavam fortemente seus maridos a respeito das decisões da pólis (BONINI, 2006, p.299).

A sociedade de Esparta era militarizada, então, não existia “mães”, e, sim, progenitoras, que tinham a função de educar e carregar em seu ventre.

No Egito, mulheres que possuíam poderes aquisitivos eram as únicas que podiam exercer atividades fora do lar sendo reconhecidas, mas a figura da mulher ainda estava sempre ligada à maternidade, enquanto o homem tinha participação ativa na sociedade.

As mulheres não possuíam nenhum título importante, sem contar alguns relacionados ao sacerdócio, e, fora alguns membros da família real e as soberanas reinantes, tiveram pouco poder político. Seu título mais comum era, 'senhora da casa', é um título de respeito que significa apenas algo mais que 'Sra.' (BAINES; MALIK, 2008, p.205).

Diferente das demais civilizações, em Roma, a mulher era independente, podendo frequentar ambientes culturais e não tendo a obrigação de instituição de família, como isso havia um número de mulheres solteiras maior.

Algumas mulheres romanas buscaram na diversão uma forma de igualdade aos homens. Junto com seus maridos nos anfiteatros, no meio dos espectadores, divertiam-se com as lutas dos gladiadores. Já

as mulheres dos imperadores romanos e da nobreza senatorial, ao longo dos séculos I e II d.C., travaram grandes lutas nos bastidores do poder, as quais defendiam o trono para seus filhos, irmãos e amantes. Pois, de acordo com o sistema de valores predominantes na sociedade romana, estas mulheres da alta sociedade deveriam contentar-se com as satisfações alheias, o êxito dos homens e do Estado, enquanto cuidava da nova geração masculina (BONINI, 2006, p.306).

1.3 A MULHER NA IDADE MÉDIA

A Idade Média ou “Idade das Trevas”, que remete a uma ideia negativa de tal parte da história da humanidade, contou com uma época dominada pelos homens, seja ele um senhor feudal, cavaleiro, padre e ou até mesmo um monge. A mulher era tida como algo pecaminoso, inferior e sujeito à dominação do homem. Podemos destacar dois ideais da Idade Média que confirmam: o ideal aristocrático⁵ e o ideal eclesiástico⁶. Apesar de terem muitos conflitos, ambos concordavam que a mulher era um ser inferior e submisso.

A mentalidade discriminadora contra a mulher perdurou muito tempo no período medieval. Nos séculos X e XI, encontram-se alguns prelados⁷ que comprovam essa discriminação. O Bispo de Vandoma, Godofredo, dizia:

Este sexo envenenou o nosso primeiro pai, que era também o seu marido e pai, estrangulou João Batista, entregou o corajoso Sansão à morte. De certa maneira, também, matou o Salvador, por que, se a sua falta o não tivesse exigido, o nosso Salvador não teria tido necessidade de morrer. Desgraçado sexo em que não há nem temor, nem bondade, nem amizade e que é mais de temer quando é amado do que quando é odiado (DALARUN, 1993, p. 34-38).

Mesmo Jesus Cristo tendo valorizado as mulheres, o que contrariou as tradições judaicas, muitos de seus seguidores manifestavam uma visão diferente. Um exemplo é São Paulo, onde, na Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 14, versículo 34 e 35, dizia que: “as mulheres devem se calar na assembleia, pois não lhes é permitido falar...” (BÍBLIA SAGRADA, 1980, p 876).

No século XII, surgiu uma corrente de pensamento bem positiva em relação às mulheres. Elaborada pelos teólogos João Duns Escoto, Alberto Magno e Tomás de

⁵ A aristocracia é um regime político no qual uma classe minoritária em uma sociedade detém poderes e privilégios próprios para governar. Está ligada à nobreza.

⁶ É a forma administrativa dada às Igrejas.

⁷ Prelado é a autoridade eclesiástica que, na Igreja Católica, tem o encargo de governar ou dirigir uma Prelatura ou Prelazia.

Aquino, que desenvolveram um culto de veneração à Virgem Mãe de Deus. Consequentemente, nesta perspectiva teológica, a mulher deixa de ser vista como uma “encarnação do mal”.

Ao se casar, a mulher simplesmente trocava o homem ao qual iria se submeter. Antes era o pai, depois passava a ser o marido. O casamento não tinha como objetivo unir quem se amava, ou do prazer, era apenas para a procriação. O que cabia às mulheres eram as responsabilidades domésticas. Mas as mulheres camponesas de classe baixa podiam acompanhar seus maridos ajudando-os no trabalho.

1.3.1 Caça às bruxas

A caça às bruxas foi uma perseguição ocorrida contra as mulheres que, supostamente, possuíam alguns poderes sobrenaturais. Essa caçada era liderada por igreja, que investia contra as mulheres que, de alguma forma, tinham “ferido” as expectativas sociais, políticas e religiosas. Normalmente, eram mulheres de classe social mais humilde, viúvas, que tentavam sobreviver produzindo remédios e também mulheres que eram consideradas inteligentes. Mas também as que possuíam boa aparência, que despertavam desejos nos homens, as com aparências vista como desagradáveis e com deficiência física eram denunciadas como bruxas.

A Europa passava por um momento bem complicado, onde se recuperava de várias crises, como peste, guerras e uma divisão da Igreja. Os reformadores religiosos usaram a ideia de conspiração diabólica, dizendo que o que estava acontecendo era por conta das bruxas e que Deus queria uma renovação espiritual. Entre os anos de 1400 e 1700, foram executadas cerca de 50 mil pessoas, principalmente mulheres, acusadas de bruxaria, como contou o professor de história Michael D. Bailey em seu artigo⁸.

1.4 A MULHER NA IDADE MODERNA

Com a queda do feudalismo e a chegada do capitalismo, a mulher começou a conquistar o seu lugar dentro da sociedade, mas isso não aconteceu de uma forma simples e fácil. Foi através de muito suor e lutas. As mulheres que vinham de família nobre tinham seu destino comandado pelo pai e pelos irmãos. Eles arranjavam casamentos contratados para garantirem a continuidade da dinastia.

⁸ BAILEY, Michael D. Acusações iniciais de bruxaria não convenciam as pessoas na Idade Média. Disponível < <https://www.revistaplaneta.com.br/acusacoes-iniciais-de-bruxaria-nao-convenciam-as-pessoas-na-idade-media/> >

As mulheres da burguesia tinham papel fundamental na economia familiar, pois elas ajudavam o marido nos negócios e também desempenhavam os serviços domésticos. As cortesãs eram amantes dos ricos e poderosos. As aristocratas administravam os serviços da casa e podiam discutir, com seus maridos, assuntos como literatura e filosofia. Elas só podiam se casar com alguém do mesmo grupo social.

1.5 A MULHER NA IDADE CONTEMPORÂNEA

A insatisfação popular com o poder exercido pela monarquia deu início à Revolução Francesa, que lutava por Liberdade, Igualdade e Fraternidade. A Assembleia Constituinte concedeu direito aos cidadãos, o que, conseqüentemente, fez surgir grupos sociais, entre eles, o feminismo. Era um movimento social, político e filosófico, só de mulheres, chamado de “primeira onda”, que, no início, tinha como objetivo a conquista pela liberdade, pois, naquela época, as mulheres estavam ligadas aos homens, pais ou maridos. Elas eram vistas como propriedade. Além de reivindicarem o direito ao voto, assim garantindo sua participação na vida política.

Dando continuidade ao movimento, no início da década de 1960 e fim da década de 1980, surge a “segunda onda”, quando as mulheres buscavam igualdade de direitos entre homens e mulheres, deixando o espaço doméstico e conquistando sua independência financeira.

No Brasil, durante o período militar e da redemocratização (décadas de 1970 e 1980), muitas militantes do movimento feminista, oriundas das camadas médias e intelectualizadas, postulavam a transformação da sociedade como um todo. No entanto, após várias críticas, as feministas brasileiras incorporaram as reivindicações dos movimentos de bairros, de moradia e contra a carestia, compostos pelas classes populares e médias, cuja participação feminina era majoritária. Dessa forma, passaram a reivindicar o acesso à infraestrutura urbana básica (água, luz, esgoto, asfalto, creches e escolas, etc.), maior participação política, igualdade social, de gênero e melhores condições de trabalho (BONINI, 2006, p.383).

A “terceira onda” veio para questionar e complementar as imperfeições e, também, as próprias contradições do movimento, como, por exemplo, a participação da mulher negra.

Em 1975, com o objetivo de diminuir as diferenças entre homens e mulheres e muitas das discriminações sofridas por estas no mundo, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou o Decênio das Nações Unidas para as Mulheres com ações afirmativas em relação à saúde, educação e trabalho, entre 1975 a 1985, tornando as reivindicações das mulheres mais visíveis (BONINI, 2006, p.383).

A mulher passa a ter mais participação na vida social e política da sociedade, e também passa a ter direitos em todos os âmbitos sociais, como educação, saúde, trabalho, voto e outros.

1.6 A LUTA PELOS DIREITOS

Em 2020, completou-se 45 anos do *Dia Internacional da Mulher*. Mesmo que o comércio utilize o *oito de março* para a venda de presentes e promoções, essa data marca a luta e as conquistas por direitos iguais ou semelhantes ao dos homens nos planos políticos, jurídicos, trabalhistas e cíveis.

As reivindicações dos direitos da mulher começaram a partir no século XVIII, com o advento do Iluminismo⁹ e da Revolução Francesa¹⁰. Nesta época, surgem as primeiras obras de cunho feminista, escritas por mulheres como Mary Wortley Montagu¹¹ e Mary Wollstonecraft¹², autora do livro *Em defesa dos direitos das mulheres*.

Com a Revolução Industrial, no século XIX, o número de mulheres empregadas cresceu bastante. Conseqüentemente, as ideologias socialistas se consolidaram. Assim, o feminismo se fortificou. Sendo assim, aconteceu a primeira convenção dos direitos da mulher, em Seneca Falls, no estado de Nova York, nos Estados Unidos, em 1848.

No Brasil, a mulher só passou a frequentar a faculdade no ano de 1887, quando uma baiana ingressou no curso de medicina. As que frequentassem universidades não eram bem vistas pela sociedade. De acordo com uma pesquisa realizada pelo INEP¹³, as mulheres são maioria no ensino superior, com mais de 57% delas dentro das faculdades.

O direito ao voto só foi concedido às mulheres no dia 24 de fevereiro de 1932, quando o Código Eleitoral passou a assegurar o voto feminino. Porém, não eram para todas. Somente as mulheres casadas e com a autorização do marido podiam votar. As

⁹ O iluminismo trouxe ideias voltadas à razão para deslegitimar o modelo de estado predominante na época. Seu ideal era defender a liberdade, progresso, tolerância, fraternidade, governo constitucional e afastamento entre igreja e estado.

¹⁰ Ciclo revolucionário que aconteceu entre 1789 e 1799, foi responsável pelo fim dos privilégios da aristocracia e pelo término do Antigo Regime. A Revolução Francesa é o nome dado ao ciclo revolucionário que aconteceu na França entre 1789 e 1799 que marcou o fim do absolutismo nesse país.

¹¹ (1689-1762) Uma aristocrata, escritora, poeta inglesa e feminista inglesa. Defendeu a introdução da vacina de varíola na Grã-Bretanha

¹² (1759-1797) Uma escritora inglesa do século XVIII, assim como filósofa e defensora dos direitos das mulheres. Mãe de Mary Shelley, autora de Frankenstein

¹³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

viúvas também podiam, mas apenas as que tinham uma renda própria. Somente em 1934 que essas limitações deixaram de existir e passou a ser previsto na Constituição Federal o voto livre a todas as mulheres.

Art 108 - São eleitores os brasileiros de um e de outro sexo, maiores de 18 anos, que se alistarem na forma da lei.

Mas, logo em seguida, em seu artigo de número 109, o voto passava a ser obrigatório para homens e mulheres que exerciam funções públicas remuneradas.

Art 109 - O alistamento e o voto são obrigatórios para os homens e para as mulheres, quando estas exerçam função pública remunerada, sob as sanções e salvas as exceções que a lei determinar.

De acordo com o Código Civil de 1916, Artigo 233, da Lei nº3.071, o homem era o chefe da casa. Com a promulgação do Código Civil de 2002, ocorreu uma mudança nas regras do casamento na questão ao comando do lar. Com o Artigo 1511 do Código Civil, Lei 10406/02, as mulheres passaram a ter direitos iguais aos dos homens no casamento. Outra conquista importante para as mulheres no Brasil foram as leis, como, por exemplo, a *Lei do Femicídio*, a *Lei Maria da Penha*, a *Lei Carolina Dieckmann* e outras.

De acordo com a OMS, Organização Mundial da Saúde, o Brasil é o quinto país com maior número de mulheres assassinadas. Aprovada no dia nove de março de 2015, a Lei 13.104/15 ou *Lei do Femicídio*, foi um passo muito importante, pois passou a reconhecer como, crime hediondo, esta prática contra mulheres, em razão à condição dela ser do sexo feminino. Um crime é considerado Femicídio quando comprovado qualquer tipo de agressão, abuso sexual, tortura, mutilação genital, espancamento, entra qualquer outra forma de violência que culmine na morte de uma mulher por exclusiva questão de gênero.

Já a *Lei Maria da Penha* foi aprovada em sete de agosto de 2006, pelo então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. A lei visa proteger a mulher contra a violência doméstica e familiar. O agressor, não necessariamente, precisa ser o marido ou companheiro. Ele pode ser parente ou uma pessoa de convívio próximo da vítima. Ela não se aplica somente em caso violência física, mas também a violências psicológicas, ofensas, destruição de documentos ou objetos, difamação ou calúnia.

A *Lei Carolina Dieckmann* recebeu esse apelido após a atriz ter sofrido crime cibernético. Seu computador foi invadido e seus arquivos pessoais, incluindo fotos

íntimas, foram roubados e divulgados na internet e em diversas redes sociais. A Lei 12.737/2012 torna crime a invasão a aparelhos eletrônicos para obtenção de dados particulares.

1.7 A INSERÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO

Por muitos anos, o jornalismo foi uma exercida apenas por homens. De acordo com o jornalista José Hamilton Ribeiro (1998), as empresas jornalísticas eram pensadas e construídas apenas para homens, chegando ao ponto de não construírem nem ao menos um banheiro para o sexo feminino.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31).

A inserção da mulher no jornalismo no Brasil ocorreu apenas no início do século XIX, quando periódicos femininos foram criados com a finalidade de suprir a necessidade que as mulheres tinham de reivindicar seus direitos. Woitowicz (2012) cita que os principais temas debatidos por elas foram sua participação na política e sobre mudanças de costumes.

O marco inicial que indica o surgimento da mídia alternativa feita por mulheres acontece ainda no século XIX, com a publicação de jornais que discutiam principalmente a participação política das mulheres e as mudanças de costumes. Ou seja, as experiências de produção de veículos (inicialmente femininos, depois feministas) acompanharam as lutas das mulheres por direitos, inclusive o direito à escrita. E lançaram as bases do que seria, décadas mais tarde, uma imprensa assumidamente feminista (WOITOWICZ, 2012, p. 1)

Ainda de acordo com Woitowicz (2012), antes de 1850, as mulheres trabalhavam como colaboradoras nos jornais e que, portanto, as matérias destinadas a elas, como literatura, moda, beleza e regras de comportamento, eram escritas pelos homens. Segundo a autora, a educadora, escritora e poetisa Nísia Floresta foi uma das primeiras a quebrar esta barreira ao publicar seus textos no jornal *Espelho das Brasileiras*, do Estado de Pernambuco.

É importante lembrar que as publicações destinadas às mulheres, na primeira metade do século XIX - que traziam literatura, moda, beleza e regras de comportamento - eram escritas por homens. Mas, mesmo que a fundação de um jornal de mulheres tenha acontecido somente

nos anos 1850, antes disso já havia mulheres que atuavam como colaboradoras nos jornais e que foram gradativamente abrindo espaço para a escrita feminina, ainda que em alguns casos sob o disfarce de pseudônimos masculinos. Nísia Floresta foi uma das primeiras mulheres a escrever em periódicos, publicando textos no jornal *Espelho das Brasileiras*, em Pernambuco (WOITOWICZ, 2012, p. 3)

1.7.1 As pioneiras no jornalismo esportivo no Brasil

Natural da cidade de Fortaleza de Minas, no interior do Estado de Minas Gerais, a jornalista Zuleide Ranieri Dias, conhecida popularmente como Zuzu, foi a primeira brasileira a narrar um jogo de futebol. Isso aconteceu nos anos 1970, quando ela integrava a equipe 100% feminina da *Rádio Mulher*, da cidade de São Paulo, e que, atualmente, tem o nome de *Rádio Morada do Sol*, ao lado de Claudete Troiano, Germana Garilli, Jurema Yara, Léa Campos e Leilah Silveira.

Já na TV brasileira, a estreia de uma mulher à frente da narração de uma partida de futebol aconteceu no ano de 1997, quando Luciana Mariano conseguiu conquistar o primeiro lugar em um concurso realizado pela *TV Bandeirantes* e narrou um embate entre duas equipes femininas. Porém, ela ficou ausente por 21 anos, retornando apenas em 2018, ao ser contratada pela *ESPN*.

Também em 2018, foi a vez de Isabelly Moraes marcar seu nome na história. Primeira mulher a narrar uma partida de futebol profissional em Minas Gerais, quando contou a história do confronto entre América-MG e ABC, válido pela 34ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B de 2017, ela também foi a primeira a dar voz a um jogo de Copa do Mundo na televisão brasileira. Ela conquistou esse direito após vencer um concurso promovido pela emissora *Fox Sports*. A partida escolhida para a sua narração foi a de abertura, entre Rússia e Arábia Saudita.

Maior emissora do país, a *Rede Globo* traz dois nomes como pioneiras na narração e nos comentários de sua história. Em 2016, Glenda Kozlowski se tornou a primeira narradora do canal. Foi ela a responsável pelas provas de ginástica olímpica das Olimpíadas daquele ano, realizadas no Rio de Janeiro. Ao seu lado, nos comentários, estava a ex-ginasta Daiane dos Santos. Já no futebol, a pioneira é Ana Thaís Matos. Seus primeiros comentários em uma partida da emissora aconteceram em 2019, quando fez parte do time de comentaristas da Copa do Mundo Feminina. No

mesmo ano, ela se tornou a primeira comentarista da Globo a comentar uma partida masculina.

1.8 MICHELLE PEIXOTO SAFATLE

Natural da cidade de Goiânia, a árbitra Michelle Peixoto Safatle nasceu no dia 30 de novembro de 1988. Sua paixão pelo futebol começou ainda na infância, quando passou a praticar o esporte nas escolas em que estudou. Inicialmente, seu desejo não era seguir carreira na arbitragem, mas, sim, como atleta profissional.

Desde então, buscou por equipes que pudessem auxiliá-la a realizar este sonho. Em 2004, aos 15 anos, conseguiu, através de uma prima, a inscrição em um torneio feminino promovido pela Gatorade no México. Em seu retorno ao Brasil, foi parar no Aliança Futebol Clube, de Goiânia, pelo qual disputou vários campeonatos, incluindo torneios de futsal.

Em 2006, iniciou os estudos do curso de Administração de Empresas na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), vindo a concluí-lo na *Ashford University, Iowa*, nos Estados Unidos, através de um intercâmbio. Lá, também fez os cursos de Administração de Esportes e Recreação e dois cursos técnicos voltados para marketing e para gestão organizacional.

Foi em solo norte-americano que ela trabalhou como técnica de futebol, disputando alguns campeonatos nacionais. Quando retornou ao Brasil, deixou o futebol de lado por um momento e optou pelo atletismo. Através dele, se preparou para a função de arbitragem, onde, no fim de 2015, fez sua primeira prova para ingressar no quadro de arbitragem da Federação Goiana de Futebol (FGF). No ano seguinte, fez o curso exigido pela entidade para trabalhar em uma partida da modalidade. E, ainda em 2016, participou de seu primeiro jogo a serviço da FGF.

Em 2019, chegou a participar de alguns jogos como árbitra assistente, mas acabou desistindo da função e retornando para o apito, onde, no dia 27 de outubro daquele mesmo ano, teve sua primeira experiência em uma partida profissional, quando apitou o jogo entre Pires do Rio e Raça, de Goiânia, vencido pela equipe visitante pelo placar de 1 a 0, válido pela sexta rodada da primeira fase do Campeonato Goiano da Terceira Divisão.

1.9 NATHÁLIA FREITAS MARCELINO

Natural de Goiânia, a jornalista Nathália Freitas Marcelino nasceu no dia 1 de dezembro de 1994. Pouco tempo após seu nascimento, mudou-se para Brasília, onde morou por três anos, retornando à Goiânia após o período. Em solo goiano, iniciou seus estudos no Colégio Conectar Antares, vindo a trocá-lo posteriormente pelo Colégio Shallon, onde ficou até o último ano do ensino médio.

Na sequência, prestou vestibular para o curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), onde foi aprovada. A formação acadêmica teve início no ano de 2013 e fim em 2017. Durante o período em que esteve na PUC-GO, estagiou na Record TV, em 2015. Decidida a seguir carreira no esporte, Nathália abriu mão do estágio na emissora para se dedicar ao projeto *Fut Como Le Gusta*, ao lado da jornalista Monara Marques. Criado para as redes sociais, o produto também tinha um pequeno espaço na Rádio 730-AM (atual Sagres) e acabou sendo a porta de entrada de Nathália Freitas na empresa.

Em março de 2016, ainda como estagiária, começou seus trabalhos na Rádio 730-AM e, após o término da faculdade, foi contratada em definitivo. Dois anos depois, às vésperas da Copa do Mundo disputada na Rússia, a rádio passou a se chamar “Sagres 730”. Mesmo não indo ao país europeu, Nathália fez parte da equipe de cobertura do Mundial da emissora. Ainda em 2018, iniciou os trabalhos como repórter de campo. E no ano seguinte, assumiu o posto de setorista da Sagres 730 na cobertura do Atlético-GO.

1.10 PATRÍCIA PEREIRA DOS SANTOS

Natural de Goiânia, a atleta Patrícia Pereira dos Santos, conhecida popularmente como *Roxinha*, nasceu no dia 22 de maio de 1983. A zagueira de cabelos roxos começou no futebol ainda criança, quando tinha 13 anos. Desde o começo, atuou pelo Aliança Futebol Clube, de Goiânia, uma das equipes pioneiras do futebol feminino em Goiás e que foi fundada em 24 de outubro de 1958.

Pelo time aurinegro, conquistou mais de sete títulos¹⁴ estaduais, disputou o

¹⁴ Em entrevista a este trabalho, a entrevistada Patrícia Pereira dos Santos não soube dizer o número exato de vezes em que conquistou o Campeonato Goiano de Futebol Feminino.

Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil da modalidade. Ainda no começo da carreira, chegou a integrar o grupo de treinamentos da seleção brasileira na Granja Comary.

Em 2020, em uma parceria entre o Aliança Futebol Clube e o Goiás Esporte Clube, Patrícia passou a defender as cores esmeraldinas no Brasileiro A2. Porém, por conta da pandemia causada pelo Novo Coronavírus e pelo rebaixamento do time masculino à segunda divisão nacional, o Goiás optou por desfazer o acordo, encerrando seu time feminino. Desde então, Roxinha passou a ter seu passe fixado novamente pelo Aliança.

1.11 VICTORIA LEITE MARTINS FERREIRA

Natural da cidade de Osasco, em São Paulo, a jornalista Victoria Leite Martins Ferreira nasceu no dia 7 de dezembro de 1996. Com apenas um ano e oito meses, mudou-se para Foz do Iguaçu, no Paraná, onde morou até os 15 anos, quando retornou à São Paulo para morar com os tios. Após o fim do ensino médio, prestou vestibular para o curso de jornalismo na Universidade de São Paulo (USP), mas acabou passando apenas da primeira fase.

Após a reprovação, decidiu que cursaria medicina veterinária, porém, foi convencida pela mãe a manter o foco no jornalismo. Então, em 2015, decidiu prestar vestibular na Cásper Líbero, onde foi aprovada e graduou-se.

O primeiro estágio na profissão aconteceu ainda em 2015, quando ingressou na Federação Paulista de Futebol (FPF), onde ficou até o ano seguinte, vindo a ser substituída pela Tv Gazeta. O passo seguinte aconteceu fora do Brasil. Em Londres, Victoria foi *trainee* na *Press Association Training*, vindo a trabalhar nos tablóides *Daily Mirror* e *The Sun*.

Na volta ao Brasil, trabalhou na Globo e ESPN Brasil, até vir para Goiânia, onde está, desde março de 2020, na TV Anhanguera. No dia 22 de abril de 2021, na partida entre Goiás e Iporá, válida pelo Campeonato Goiano, foi repórter de campo pela primeira vez.

2. DOCUMENTÁRIO

O documentário é a arte de destacar certo assunto, podendo ser uma personalidade, uma pessoa comum, um animal, um fato histórico, um sentimento. Podemos resumir documentário como um filme, não ficcional, que se caracteriza pela representação de uma determinada visão do mundo. Ele não tem a obrigação de “contar os dois lados” de uma história como o jornalismo, podendo escolher apenas um foco e seguir nele. De acordo com o escritor e pesquisador Bill Nichols (2005), o documentário é um elo entre três histórias diferentes: a do cineasta, a do filme e a do público. E existe sempre uma razão de como e porque ele foi desenvolvido.

De formas diferentes, todas essas histórias são parte daquilo a que assistimos quando perguntamos do que se trata um certo filme. Isso quer dizer que, quando assistimos a um filme, tomamos consciência de que ele provém de algum lugar e de alguém. Existe uma história de como e por que ele foi feito (NICHOLS, 2005, p. 93).

Nichols (2005) cita ainda que um documentário pode ter como função a defesa de uma causa, a apresentação de um argumento e/ou a transmissão de um ponto de vista.

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva (NICHOLS, 2005, p.73).

Nichols (2005) faz menção ao filme “*Nanook, o esquimó*” (1922), de Robert Flaherty, que é a primeira produção conhecida e classificada como documentário de longa-metragem. Além disso, é um dos mais importantes filmes antropológicos de todos os tempos, como classifica o autor. O filme conta a história do esquimó Nanook e sua família, que viviam em Hudson Bay, no Canadá.

Já para a pesquisadora Flávia Rodrigues (2010), o filme documentário teve início junto dos primórdios do cinema, no fim do século XIX, quando as imagens fotográficas em movimento eram as responsáveis por reproduzirem as produções da época. Segundo a autora, a fotografia e, posteriormente, o cinema eram historicamente considerados como uma maneira de se reproduzir a realidade, de modo que a imagem mecânica fosse identificada como reprodutora da realidade.

Em seu conceito, Rodrigues (2010) diz que documentários são filmes que mostram e/ou representam uma releitura da realidade. Para o doutor em cinema Puccini

(2007), um documentário tem início a partir de uma busca por algo que é externo ao cineasta. Essa busca, segundo o autor, envolve, necessariamente, uma negociação prévia, a fim de viabilizar o registro, que marca o início de um processo de troca entre um “eu” e um “outro”.

2.1 DOCUMENTÁRIO E OS OUTROS GÊNEROS AUDIOVISUAIS

A comunicação é indispensável para os seres humanos. Ela pode ser manifestada através de várias formas, como linguística, escrita, fala, gestos e outras. O filósofo e estudioso Mikhail Bakhtin (1992) prevê a existência de gêneros e afirma que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, assim ele qualificou de gêneros dos discursos.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 290)

O gênero documentário não pode ser definido apenas pela presença de determinados enunciados estereotipados ou de tipos textuais fixos, porém, independentemente do tema tratado, nós sabemos identificar um documentário de outros tipos de produção audiovisual.

2.2 DOCUMENTÁRIO E FICÇÃO

De acordo com Puccini (2011), as sucessivas alterações no roteiro são uma das principais diferenças entre um documentário e outro de ficção. Por ter uma perspectiva mais jornalística, o documentário está sempre sujeito às mudanças que possam surgir, mesmo que depois já esteja sendo executado, enquanto que o roteiro de uma ficção quase sempre será inalterado e tem como função principal dar um rumo ao trabalho.

Se no filme de ficção a escrita do roteiro ocorre integralmente no período da pré-produção, no documentário essa escrita muitas vezes se

manifesta de maneira diferente; trata-se de uma escrita em aberto, que se estende por todo o processo de realização do filme (PUCCINI, 2011, p. 9).

Nichols (2005) classifica o documentário e a ficção com dois termos. O primeiro é chamado de documentário de “representação social”, enquanto o segundo é conhecido por “documentários de satisfação de desejos”. Para Nichols (2005), um documentário de não ficção “é uma representação do mundo em que vivemos”, na qual uma visão de mundo que talvez nunca tenhamos tido antes é mostrada, onde, segundo Puccini (2011), a captura de um real vai sendo gradualmente moldada até se transformar em filme.

Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (NICHOLS, 2005, p. 27).

Já os filmes de ficção, também chamados por Nichols (2005) como “documentários de satisfação de desejos”, são as produções que expressam, de forma tangível, nossos desejos e sonhos.

Tornam concretos - visíveis e audíveis - os frutos da imaginação. Expressam aquilo que desejamos, ou tememos, que a realidade seja ou possa vir a ser. Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar. Oferecem-nos mundos a serem explorados e contemplados; ou podemos simplesmente nos deliciar com o prazer de passar do mundo que nos cerca para esses outros mundos de possibilidades infinitas. (NICHOLS, 2005, p. 26)

Podemos concluir então que a diferença entre um documentário e uma ficção é que o primeiro gênero tem como intuito principal a busca da documentação de fatos, enquanto o segundo gênero pode até usar atores sociais ou dados, mas é caracterizado, principalmente, pelo uso da “não realidade”, por atores profissionais, que são pagos para interpretar um papel, pela sua capacidade criativa, a invenção de seu idealizador (roteirista e diretor).

2.3 DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO

Existe uma comparação entre essas duas práticas. Assim como o jornalismo, o documentário tem a característica de reprodução da realidade. “Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico” (NICHOLS, 2005, p. 31).

Os média não relatam simplesmente, e de uma forma transparente, acontecimentos que são por si só “*naturalmente*” noticiáveis. “*As notícias*” são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas (HALL. et al, 1993, p.224 - grifo dos autores).

Um dos pontos de semelhança entre o jornalismo e o documentário é que ambos representam e oferecem visões do mundo e de seus acontecimentos. Essa proximidade entre os dois processos ocorre pela própria origem do documentário. “Historicamente o documentário surge nas beiradas das narrativas ficcional, da propaganda e do jornalismo” (RAMOS, 2008, p.55). Para o autor, o documentário nasce com a função de uma narrativa e de um tratamento criativo do mundo e se afasta da prática da reportagem.

A reportagem é uma narrativa que enuncia asserções sobre o mundo, mas que, diferentemente do documentário, é veiculada dentro de um programa televisivo que chamamos telejornal. Do mesmo modo que a tradição do filme documentário flexiona uma narrativa com imagens/sons, estabelecendo asserções sobre o mundo, a forma do telejornal flexiona a narrativa assertiva sobre o mundo no formato programa telejornal (RAMOS, 2008, p.58).

Da mesma forma que são parecidos, por não escolherem atores, eles também se diferem, desde a produção, passando pelo processo de inserção na programação de televisão e pela exibição dentro de determinado formato, que é o telejornal. Ramos (2008), afirma que, diferente da reportagem estar dentro de um programa de telejornal, o documentário nem sempre aborda acontecimentos cotidianos de dimensão social.

Por outro lado, Da-Rin relaciona e até interpreta como sinônimo os termos atualidades e documentários. “Frequentemente o termo atualidades é empregado como sinônimo de ‘documentário’ dos primórdios do cinema, por oposição às ‘ficções’ (2006, p.31).”. Podemos concluir que existe sim uma relação em comum entre o jornalismo e documentário, mas também eles se diferem. E autores com opiniões que se complementam e que se divergem.

2.3.1 Linguagem

A linguagem cinematográfica usada em um documentário se aproxima muito da que é empregada em uma reportagem audiovisual. Utiliza alguns fragmentos de imagens que são apresentadas em sequência, no decorrer de um determinado tempo, como histórias em quadrinhos.

A linguagem cinematográfica utiliza fragmentos de imagens justapostas, ou seja, apresentadas em sequência, no decorrer de determinado tempo, como histórias em quadrinhos. Esses fragmentos de imagens são cuidadosamente agrupados para que o público tire suas próprias conclusões. Elas não correspondem a uma unidade de ação real nem obedecem à relação tempo/espaço, são simplesmente colocadas em sequência e o público conclui que todas se relacionam diretamente e estão apresentando uma experiência real (MOLETTA, 2009, p 29).

Segundo a pesquisadora Stefânia Pereira (2015), a produção audiovisual para TV tem a maior parte do seu investimento voltado para a gravação de jornais, sejam eles locais ou não, que são “repletos de reportagens cuja finalidade é narrar uma notícia como aquilo que de fato aconteceu. Embora comumente confundido com documentário, as divergências entre ambos são muitas” (PEREIRA, 2015, p. 3).

Por estar sempre procurando tratar seus temas de uma forma mais profunda, apoiando-se na realidade imediata e na captura de imagens, falas, gestos, diálogos e expressões, um documentário pode ser confundido com uma reportagem. De acordo com professor e jornalista Delmanto Barros, em texto de apoio para seus alunos, “a reportagem, por sua vez, busca a formulação de um “retrato completo” (BARROS, p. 1) sobre determinado fato, valendo-se de procedimentos como a apresentação de diferentes pontos de vista e a utilização criteriosa das citações para criar o status de imparcialidade”.

Ainda de acordo com o texto de apoio do professor Delmanto, outra diferença entre os dois gêneros é a utilização da voz em *off*.

Na reportagem televisiva, as imagens têm um papel ilustrativo, confirmando tudo o que é dito pelo jornalista ou pelos entrevistados. Elas também são sempre sobrepostas pela voz em *off* que, por sua vez, procura explicar as imagens apresentadas no ecrã. No documentário, o *off* não é um elemento obrigatório e, por isso, as imagens ganham maior importância, pois não são utilizadas apenas para ilustrar textos ou falas – elas têm significado em si mesmas. (DELMANTO BARROS).

A jornalista Manuela Penafria (1999) explica que a obrigatoriedade do uso do *off* nas reportagens se dá devido à necessidade de se explicar ou descrever o que está sendo mostrado nas imagens,

ao contrário do que habitualmente se vê na televisão, não é obrigatório que um texto em *off* faça parte de um documentário. Na reportagem, essa obrigatoriedade deriva da necessidade de se explicarem ou descreverem as imagens que se vêem. Pelo contrário, no documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. São elas o elemento essencial do documentário e que se sobrepõem ao que possa ser dito. (PENAFRIA, 1999. p.23)

Por fim, o professor Delmanto Barros cita a temática como “ponto destoante entre os gêneros jornalístico e documentário”. De acordo com ele, a “escolha dos assuntos a serem abordados nas reportagens televisivas é realizada por meio de parâmetros jornalísticos conhecidos como critérios de noticiabilidade. É a partir deles que determinados acontecimentos ou fatos são classificados pelos jornalistas como noticiáveis ou não”.

2.4 TIPOS E FORMATOS

De acordo com Nichols (2005), é possível identificar seis subgêneros de um documentário. São eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Estes modos determinam uma estrutura, na qual os participantes trabalham, estabelecendo as convenções que um determinado filme pode adotar e propiciando expectativas específicas que os espectadores esperam ver sendo satisfeitas.

Poético - Nichols (2005) descreve que o modo poético foge do modo tradicional dos documentários, tendo como características principais a apresentação envolvente, sem padronização e sem linearidade. Neste modo, o documentarista faz intervenções durante a sua construção.

Expositivo - É o modo onde a maioria das pessoas classifica como documentário em geral. Suas principais características são a ênfase ao comentário verbal e sua lógica argumentativa. Nele, o cineasta utiliza comentários em *voice over* para argumentar sobre as imagens que estão sendo reproduzidas. Ele se dirige ao espectador de forma

direta, com legendas ou vozes, que indicam uma perspectiva, expondo um argumento ou recontando a história.

Participativo - Assim como nas ciências sociais, onde existem grupos sociais que realizam estudos através da observação participativa, neste modelo de documentário há a retratação da participação e do dia a dia dos personagens envolvidos. O documentário participativo transmite a ideia do que é, para o cineasta, estar em determinada situação e como aquela situação conseqüentemente muda.

Observativo - Nele, Nichols (2005) explica que o documentarista deve sempre buscar compreender a realidade à maneira como ela aconteceu, sem interferências que caracterizem uma realidade falsa. Neste modo, também é exposta a reação dos entrevistados diante das câmeras e do documentarista, fazendo com que aja pouca movimentação de câmera.

Reflexivo - Como o próprio nome diz, é um modo que tem o intuito de deixar o telespectador com a consciência aguçada, a fim de promover análises sobre a representação do filme. No modo, chamam a atenção as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário.

Performático - Assim como no modo poético, todos os filmes desta categoria têm características parecidas com filmes experimentais, pessoais e de vanguarda, mas com ênfase ao impacto emocional e social no público. Além disso, suscita questões sobre o que é conhecimento.

2.4.1 Formatos

Existem dois tipos de formatos de documentários: o europeu e o estadunidense. Neste primeiro modo, é dispensável a presença de um repórter, pois não existe um intermediário. A câmera faz o papel de interlocutora entre os agentes presentes no documentário e dos fatos, e do outro lado, o receptor. Através de suas imagens com os próprios agentes do tema, a câmera mostra tudo. Neste modo, é aconselhável a priorização de um tema só. Como uma característica sua, o documentário europeu não possui nem passagem e nem *offs* em suas narrativas.

No documentário estadunidense, há a presença de um repórter. Com *offs* e passagem, é o repórter que comanda a narrativa. Segundo Pontual (apud Kaplan p. 97), esse modelo possui “mais ritmo e é mais dinâmico, o repórter é o investigador e o

condutor da matéria”. Por causa de suas características, esse formato de documentário pode ser confundido com uma reportagem de longa duração.

2.5 DOCUMENTÁRIO NO BRASIL

Segundo Rodrigues (2010), o documentário chegou ao Brasil por volta dos anos de 1920. Os responsáveis pelas primeiras imagens do acervo histórico do cinema brasileiro, que hoje são apenas vestígios, são os irmãos Afonso e Paschoal Segreto, Silvino dos Santos, major Luís Tomás Reis, entre outros. As primeiras produções nacionais foram financiadas pelo Estado, por empresários e coronéis fazendeiros. Com um interesse de promoverem suas imagens, eles financiavam as produções a fim de serem os próprios “orientadores” do documentário. Durante os anos de 1930 e 1940 a produção de filmes de não-ficção no Brasil possuiu um cunho mais estatal, estando quase que exclusivamente ligado à elite, da qual os cineastas eram dependentes.

Analisando os documentários e cine-jornais produzidos nas duas primeiras décadas do século XX, pode-se afirmar que a câmera documentarista era a câmera do poder. Alguns filmes chegaram a ser sucesso de público, mas, já na década de 20, ocorreu a primeira grave crise da produção nacional. (RODRIGUES, 2010, p. 65).

No final da década de 1950, os brasileiros interessados pela arte cinematográfica só podiam assistir a raras retrospectivas dos cinemas americanos, francês, italiano e soviético, que eram organizadas pelas cinematecas cariocas e paulistas. De acordo com Rodrigues (2010), apenas os cidadãos economicamente e culturalmente privilegiados teriam acesso a estas artes. Alguns deles, inclusive, se tornaram responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem do cinema-documentário nacional.

O artigo escrito por Flávia Vilela Vieira, *A Evolução do Documentário Brasileiro*¹⁵, relata que, nos primeiros anos da década de 1960, se dava o início da era do *Cinema Novo*, produção cinematográfica que se voltava para um projeto ideológico, que seria promovido pela burguesia urbana, de integração à nação, aqueles que eram marginalizados da produção e do consumo. Foi influenciado por movimentos

¹⁵ VIEIRA, Flávia Vilela. **A Evolução do Documentário Brasileiro**. 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1474-1.pdf>> Acesso em 27 de abril de 2020.

internacionais como o *neo-realismo* italiano e a *Nouvelle Vague* francesa. O tema abordado, antes do golpe militar de 1964, eram os problemas do campo.

Nestes primeiros documentários, onde havia um encadeamento das sequências, existia um raciocínio lógico, que misturava a análise do fenômeno com a evolução da ação. A linguagem e o discurso são alterados para demonstrarem o real. Não era mais uma representação ou uma elaboração, agora era o real, o vivido.

Já na década de 1970, o documentário passa a ser produzido para a televisão, dentro do programa *Globo Repórter Atualidade*, em 1978. Feito como um programa jornalístico, nasce um documentário cinematográfico experimental e inovador em sua dramaturgia.

Graças aos avanços tecnológicos e digitais, o custo de uma produção de um documentário barateou. Hoje, qualquer pessoa que possua um celular com uma câmera razoável e noção de edição consegue produzir um.

De acordo com Flávia Rodrigues, a rápida evolução da eletrônica e da informática tem contribuído para que o vídeo digital ganhe cada vez mais mercado na produção cinematográfica. “A miniaturização das câmeras, a substituição do sistema analógico pelo digital na captação da imagem e do som e as mais modernas tecnologias de pós-produção estão transformando o filme documentário” (RODRIGUES, p. 70, 2010) como explica a autora. Essa mistura entre tecnologia e cinema documentário tem resultado cada vez mais em uma grande diversidade de produtos audiovisuais.

Ainda de acordo com Rodrigues (2010), outra contribuição que o avanço da tecnologia trouxe para o campo audiovisual foi o barateamento dos custos de produção. Porém, os produtores independentes ainda encontram dificuldades para a execução de suas ideias.

O avanço das tecnologias digitais propiciou um barateamento dos custos de produção, mas os produtores independentes, aqueles que não têm vínculo com as emissoras de televisão ou com as grandes estruturas de produção e distribuição de conteúdo audiovisual, continuam encontrando dificuldade para viabilizarem seus projetos e fazê-los chegarem a um público maior (RODRIGUES, 2010, p. 70).

No Brasil, a TV Cultura, de São Paulo, é um dos poucos canais com sistema de transmissão aberto que dá destaque às produções nacionais. Fora os festivais, os documentários costumam ser exibidos nos ambientes de educação universitária e em

mostras gratuitas de circuitos culturais não-formais. Segundo Rodrigues (2010), estas são “boas alternativas para os filmes chegarem a um novo público e a cidades onde eles dificilmente são exibidos” (RODRIGUES, 2010, p. 71).

2.6 ETAPAS: PRÉ, PRODUÇÃO E PÓS

Para que o documentário seja finalizado dentro do prazo, é importante que haja etapas na produção. Para Puccini (2010), realizar pesquisa, elaborar pautas e roteiros, definir elenco e locação são etapas necessárias antes de começar gravações e edição. Organização e planejamento são os primeiros passos para dar início a um documentário.

Após definir o tema, objetivo e o tipo de documentário, os próximos passos são a organização do roteiro e a produção do filme. O roteiro tem a finalidade de orientar e controlar, de forma que o documentarista não desvie do seu objetivo, assim o trabalho terá uma execução coerente com começo, meio e fim.

Em muitos casos, o trabalho de roteirização, feito ainda na pré-produção do filme, vai se contentar em estabelecer uma estrutura básica que servirá como mapa de orientação para o documentarista durante as filmagens, com maleabilidade suficiente para que possa ser alterado no decorrer da produção, em razão de possíveis imprevistos (PUCCINI, 2011, p. 24).

Para Puccini (2010), o roteiro de cinema é composto por ideias, conflitos, personagens, ação, tempo e unidade dramática. O autor define ainda que a ideia de produção sempre parte de um acontecimento que provoca no documentarista a necessidade de expor. Ainda de acordo com ele, o conflito é a base do trabalho do roteirista. Com a ideia já definida, é hora de colocar no papel e começar a imaginar a história que será produzida através da *story line*, que é um pequeno resumo do conflito da história. Ainda para Puccini (2010), dentro do roteiro devem ser respondidas as seis questões: O quê? Quem? Quando? Onde? Por quê?

Definir quem serão os personagens do documentário é a próxima etapa. De acordo com Comparato (2009), os personagens são quem sustentam o peso da ação, estão no ponto de atenção de todos. O autor ainda aconselha sobre o desenrolar dos personagens, que deve ser realizado através da elaboração de uma sinopse ou argumento, porque é durante esta fase da produção que o autor descreve os personagens e os localiza na história, no tempo e espaço. De acordo com o autor, a descrição dos

personagens é fundamental para a sinopse. Para a produção desse documentário, os personagens principais são mulheres ligadas ao futebol.

A unidade dramática em que o diretor irá trabalhar as cenas é a última etapa do processo de pré-produção. O autor define que é o momento em que as cenas se tornam realidade. Comparato (2009) explica que um filme é composto por sequências que

se organizam segundo uma unidade de ação, narrativamente imprecisa, composta por cenas determinadas pelas alterações do espaço e pela participação das personagens [...] e tem estruturas como organização do enredo das cenas que tem uma localização no tempo, no espaço e na ação que sucede continuamente em algum lugar, em um momento preciso (COMPARATO, 2009, p. 32).

Esse tempo dramático e a velocidade com que as cenas acontecem, que podem ser lentas, rápidas, ágil, entre outras, são definidos pelo autor. Além de ser responsável também por definir quanto tempo terá cada cena.

Desse modo, durante a pré-produção é importante organizar as etapas, de forma que, ao partir para as gravações do filme, o objetivo e o enfoque sejam cumpridos e o resultado final seja um material coerente.

Para dar início à produção do documentário, a gravação tem como *script* o que foi roteirizado durante a pré-produção, como explica o autor, “todo o planejamento da filmagem de um documentário dependerá de quais forem essas situações de filmagem previstas pelo tratamento” (PUCCINI, 2010, p.67). O mesmo autor ainda explica que cada situação exige diferentes métodos de gravação e elas podem vir descritas no roteiro ou, simplesmente, acontecer por decisão do diretor e do operador de câmera no momento das filmagens, isso acontece devido à sensibilidade de ambos querendo destacar determinadas ações e falas.

A filmagem de entrevistas normalmente não reserva grandes surpresas no que tange ao planejamento do trabalho de câmera. As opções quanto ao tipo de enquadramento ficam restritas `as composições em plano médio, primeiro plano e close-up, podendo eventualmente o entrevistado ser mostrado de corpo inteiro. (PUCCINI, 2010, p. 67)

Essas variações durante as gravações acontecem para realçar as emoções dos entrevistados e criar uma dinâmica e identidade visual no documentário. Puccini (2010) diz que, costumeiramente, se começa a entrevista com o plano aberto, para situar melhor o telespectador e com o passar do tempo, vai se fechando o plano para destacar momentos mais sensíveis, que merecem destaque, da fala do entrevistado. Outra

ferramenta utilizada para enfatizar determinados momentos da entrevista é o uso do *zoom in*.

A escolha do local onde as gravações das entrevistas serão realizadas pode influenciar diretamente no comportamento do entrevistado em frente às câmeras, podendo deixar mais relaxado e confortável ou tenso. Além disso, o local compõe o *background*, trazendo informações visuais para o contexto do documentário.

Depois de realizar a produção e a gravação, o roteiro é colocado em prática. Ele auxiliará durante a edição. Chega também a hora de resumir todo o conteúdo e decidir o que será enfatizado, usado com regularidade e também definir quando determinadas estéticas serão utilizadas no produto final.

A pós-produção é o processo de edição. Nela, inclui-se a realização de decupagem, corte, montagem e coloração do filme. As ligações realizadas dentro do produto acontecem devido a planos lineares ou cortes, que determinam o ritmo e a intenção do documentarista. Para Jullier, Lopes e Marie (2012), a montagem do filme depende da mensagem que o documentarista quer transmitir.

Dessa forma, podemos concluir que as etapas precisam umas das outras, pois estão interligadas. Fazer a pré-produção é colocar no papel os objetivos do produto, qual a sua intenção com ele, de que forma quer abordar determinado assunto, local, personagens e outros. Na linguagem acadêmica do jornalismo, é a chamada “pauta”.

A produção, em si, é a parte onde ocorrem as gravações, e, durante a realização delas, o roteiro, feito na pré-produção, serve como direcionamento para o que deve ser feito. Podem acontecer algumas mudanças, pois, no decorrer das gravações, o diretor e câmera podem sentir a necessidade de mudar algo, de forma que não comprometa o trabalho, e sim destaque determinado momento.

Por fim, a pós-produção é a finalização do produto, realizando edições para que o produto cumpra os objetivos que foram estabelecidos no início.

“A etapa de montagem do filme documentário marca o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme. Aqui não importa mais o estilo do documentário, toda a montagem implica em um trabalho de roteirização que orienta a ordenação das sequências, define o texto do filme dando forma final ao seu discurso”, (Puccini, 2007, p.175)

Neste momento, o estilo do documentário não importa mais, pois o processo é o mesmo. Através do processo de roteirização, o documentário será montado, dando uma forma final ao produto.

3- METODOLOGIA

O documentário **Donas da Bola – Dentro e fora dos gramados, mulheres contam suas experiências no futebol** foi desenvolvido no modelo europeu, onde o tema é abordado e debatido sem que o entrevistador, produtor ou cineasta apareça durante o filme. A opção pelo formato se deu por achar que o tema, em si, é capaz de ser conduzido pelas personagens sem a necessidade de mostrar quem está por trás do filme.

Todo o trabalho foi dividido em duas partes. A primeira parte foi o Trabalho de Conclusão de Curso I, realizada no segundo semestre do ano de 2019. Porém, como descrito abaixo, o tema original foi substituído pelo atual, vindo a ser escolhido apenas a poucos dias do início do Trabalho de Conclusão de Curso II, que foi a segunda e última parte.

O tema apresentado foi selecionado, pesquisado e desenvolvido durante todo o primeiro semestre do ano de 2021. A fim de ter um cronograma organizado, ele foi dividido em pesquisa, gravação e, por último, edição.

A maior dificuldade encontrada durante todo o período de produção foi quanto aos horários das entrevistadas. Por conta disso, uma das personagens acabou dando seu depoimento sem uma entrevista presencial. Porém, o produto não perdeu nenhuma qualidade por conta deste contratempo.

Outro desafio encontrado foi lidar com a pandemia causada pelo Novo Coronavírus. Por conta dela, várias pessoas ficam receosas para exercer qualquer atividade que seja fora de suas residências, como uma entrevista, por exemplo. Apesar disso, todas as entrevistas presenciais foram feitas seguindo todos os protocolos de segurança exigidos pelas entidades de saúde do Estado de Goiás. Ressalto ainda que os entrevistados estiveram sem máscara apenas durante o tempo em que foram gravados.

3.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Este trabalho começou a ser produzido no segundo semestre de 2019, quando cursei a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I. Inicialmente, o tema proposto foi o Goianésia Esporte Clube, time oriundo da minha cidade natal e pelo qual eu sou torcedor. Porém, no meio do caminho, decidi abandonar o tema a fim de migrar para um trabalho em dupla, ao invés de individual, como era em seu começo. No entanto, por

questões pessoais e também por causa da pandemia causada pelo Novo Coronavírus, acabei não conseguindo me matricular em nenhum dos dois semestres do ano de 2020 e, conseqüentemente, o tema “torcidas”, escolhido por mim e por Larissy Summer Santos, que faria o trabalho comigo, teve continuidade sem mim.

Apesar de não ter continuado com o tema, tive a autorização para aproveitar grande parte do Capítulo II que trata da parte da linguagem do documentário que eu ajudei a produzir e utilizei-o em minha pesquisa. Fiz os ajustes e acréscimos que achei necessários e integrei-o ao trabalho.

A partir daí, optei pela escolha de um dos temas que mais me tocaram desde que comecei a acompanhar o futebol, que é a participação das mulheres neste esporte, participando direta ou indiretamente de uma partida, seja como jogadora, árbitra ou até mesmo jornalista.

3.2 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

A segunda e última parte deste trabalho começou com o retorno do tema que, desde o começo, era a minha vontade. A partir da escolha, precisei, em um curtíssimo espaço de tempo, fazer uma nova pesquisa, que correspondia ao tema escolhido, adicionei o Capítulo II, mencionado no tópico acima, e, ao lado do professor Enzo, demos início às orientações.

Mais uma vez, a pandemia causada pela Covid-19 foi um grande entrave. No momento em que gravações deste trabalho começariam a ser gravadas, o governador do Estado de Goiás, Ronaldo Caiado, publicou um novo decreto, que estabeleceu um *lockdown* de 14 dias em todo o território goiano, impossibilitando muitas atividades, atingindo, conseqüentemente, minhas gravações.

Passados os 14 dias previstos pelo decreto publicado pelo governador Ronaldo Caiado, iniciei as gravações deste trabalho no dia 1 de abril de 2021, entrevistando Michelle Safatle, a única mulher presente no quadro de arbitragem da Federação Goiana de Futebol (FGF).

Posteriormente, no dia 17 de abril de 2021, foi a vez de gravar com a zagueira do Aliança, Patrícia Pereira, conhecida popularmente como “Roxinha”, e com a jornalista da Rádio Sagres 730, Nathália Freitas.

Já a com a personagem Victoria Leite, o método utilizado foi outro. Ela mesma se encarregou de gravar o material para ser utilizado no documentário. Da mesma forma, o fez Alex Rodrigues, personagem secundário do documentário.

Após o fim das gravações e da decupagem de todo este material, o encarregado pela edição, Cássio Castiñeiras, deu início à montagem do filme. A primeira versão de **Donas da Bola – Dentro e fora dos gramados, mulheres contam suas experiências no futebol**, com 28 minutos e 14 segundos, precisou passar por algumas alterações e adequações para chegar até o produto final. Em meio a isso, finalizei também a parte escrita.

CONSIDERAÇÕES

Com a realização deste trabalho, pude concluir que sou capaz de superar todos os desafios que foram apresentados ao longo do processo de pesquisa, roteirização, filmagem, decupagem e edição de um documentário, me capacitando para exercer uma função completa de jornalista no mercado do trabalho.

Acredito que um ponto fundamental para a realização de um documentário são as experiências adquiridas ao longo do curso com disciplinas audiovisuais. Através delas, pude conhecer mais de perto o universo audiovisual, ganhando conhecimento que foi utilizado para a execução deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Particularmente, destaco quatro destas disciplinas que cursei como indispensáveis para quem deseja produzir um documentário. Jornalismo em TV I e II, Produção Laboratorial Audiovisual e Locução e Apresentação em Rádio e TV serviram como um ponto de partida para que eu chegasse até aqui.

Cito também a relação entre a teoria e a prática imposta na realização da produção de um documentário. Todas as considerações feitas pelos autores citados no trabalho foram de grande importância durante todo o processo, desde a escolha do formato a ser utilizado no documentário até a roteirização para edição final.

Os desafios e dificuldades encontrados no decorrer do período de produção deste material, que foram listados acima, ajudaram no meu crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional, uma vez que a minha vontade é seguir carreira no meio audiovisual.

Por fim, como citado anteriormente neste trabalho, a pretensão deste documentário é dar voz às mulheres que trabalham no meio do futebol em Goiás e sofrem algum tipo de preconceito ou assédio. A intenção deste produto é repudiar esse tipo de ato e valorizá-las.

Acredito também que, ao trazer à tona um tema tão delicado e importante, como é o machismo e o assédio sofrido por mulheres que trabalham no mundo do futebol, outros homens sejam influenciados a produzirem conteúdos sobre o assunto, com pontos de vistas diferentes, mas sempre em prol de ajudar a quebrar esse tabu que segue, de uma forma ou de outra, prejudicando a todas as mulheres que sonham em

seguir carreira em algumas das áreas que está diretamente ligada ao futebol, seja dentro ou fora de campo.

REFERÊNCIAS

- BAINES, John; MALIK, Jaromir. **Cultural Atlas of Ancient Egypt**. London: Andromeda Oxford Limited, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.
- BONINI, Altair. **História**. Curitiba: SEED-PR, 2006.
- COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Editora Rocco: 2000
- COULANGES, Numa Denis Fustel de. **A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. 12. ed. São Paulo: Hemus, 1996.
- DALARUN, Jacques. **Olhares de clérigos**. In: KLAPISCH - LUBER, Christiane. História das mulheres no ocidente: a média. Porto: Afrontamento, 1993, 2v.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: tradição e transformação no documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- DELMANTO BARROS, Renato. **Diferenças entre documentário e reportagem**. Disponível em: <https://www.renatodelmanto.com.br/casper/Onibus_174_documentarioXreportagem.pdf> Acesso em 27 de abril de 2020.
- DE SOUSA, Itamar. **A mulher na Idade Média: a metamorfose de um status**. Natal: Revista Uni-RN, 2004.
- HALL, Stuart.et. al. **A produção social das notícias: O mugging nos media**. IN: Jornalismo: questões, teoria e “estórias”. Lisboa: Veba,1993
- JULLIER, Laurent. LOPES, Magda; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. 1 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2012.
- MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital**. São Paulo: Editora Summus, 2009.

MULHERES – UMA LONGA HISTÓRIA PELA CONQUISTA DE DIREITOS IGUAIS. **Uol**. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/mulheres-uma-longa-historia-pela-conquista-de-direitos-iguais.htm>> Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas: Papirus Editora, 2010.

O PAPEL DA MULHER NA IDADE MÉDIA. **Webjornal Oerj - O Estado RJ**. 2015. Disponível em: <<https://oestadorj.com.br/o-papel-da-mulher-na-idade-media/>> Acesso em: 12 de janeiro de 2021

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: História, Identidade, Tecnologia**. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

PEREIRA, Stefânia Paula Fernandes. **Diferenças formais entre reportagem e documentário: questões da ética no cinema e valorização do personagem**. Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2015.

PISSURNO, Fernanda Paixão. **Caça às Bruxas**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/caca-as-bruxas/>> Acesso em: 12 de janeiro de 2021

PONTUAL, Jorge. **Reportagem e documentário em Globo Repórter** In: KAPLAN, Sheila & REZENDE, Sidney (org) **Jornalismo Eletrônico ao vivo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PUCCINI, Sérgio. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Unicamp, 2007.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. 2. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário? Estudos de Cinema 2000**: Socinem. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

REPRESENTATIVIDADE FEMININA: CONHEÇA A HISTÓRIA DE PIONEIRAS NO JORNALISMO ESPORTIVO. **Mulheres em Campo**. 2020. Disponível em: <<https://www.blogmulheresemcampo.com.br/news/representatividade-feminina->

conheca-a-historia-de-pioneiras-no-jornalismo-esportivo/> Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

RODRIGUES, Flávia Lima. **Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro.** Juiz de Fora: CES Revista, 2010.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **O cotidiano da mulher na Pré-História.** Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/o-cotidiano-mulher-na-pre-historia.htm>> Acesso em 12 de janeiro de 2021.

VIEIRA, Flávia Vilela. **A Evolução do Documentário Brasileiro.** 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1474-1.pdf>> Acesso em 27 de abril de 2020.

VOTO DA MULHER. **Tribunal Superior Eleitoral.** Disponível: <<https://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/voto-da-mulher>> Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres: Ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência.** Paraná: Revista Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, 2012

WOITOWICZ, Karina Janz. **Marcos históricos das mulheres na imprensa: A conquista da escrita feminina.** Rio Grande do Sul: Jornal Alcar, 2012

APÊNDICE – ROTEIRO FINAL

Minutagem	Cena	Áudio
0'00" - 0'02"	Cena 1 - Abertura Imagem da entrevistada Michelle	“Eu joguei futebol desde que eu sou criança”
0'03" - 0'05"	Imagem da entrevistada Patrícia	“Tudo que de menino gostava, eu gostava”
0'05" - 0'08"	Imagem da entrevistada Victoria	“Para mim, acho que a melhor pergunta seria: por que não o futebol?”
0'08" - 0'10"	Imagem da entrevistada Nathália	“O meu desejo era ser atleta”
0'11" - 0'23"	Cena 2 - Vinheta Imagem das entrevistadas + nome do documentário	Sobe BG Desce BG
0'23" - 0'37"	Cena 3 Imagem da entrevistada Michelle	“Sempre brinquei muito... no recreio da escola, só tinha menino jogando futebol”
0'37" - 0'46"	Cena 4 Imagem da entrevistada Patrícia	“Quando minha mãe tava grávida de mim... e aí, nasceu eu”
0'46" - 0'57"	Cena 5 Imagem da entrevistada Victoria + foto de arquivo	“Eu sempre tive uma grande referência... sempre gostou de jogar bola”
0'57" - 1'43"	Cena 6 Imagem da entrevistada Nathália + foto de arquivo	“Desde pequena, eu sempre gostei... decidi trabalhar com jornalismo esportivo”
1'43" - 2'45"	Cena 7 Imagem da entrevistada Victoria	“Minha mãe engravidou de gêmeos... sou muito mais feliz fazendo jornalismo”
	Cena 8 Imagem da entrevistada Patrícia + Foto de apoio	“Comecei brincando com os meninos... do

2'46" – 3'19"	Cena 9 Imagem da entrevistada Michelle + fotos de apoio	começo mesmo"
3'20" – 4'28"	Cena 10 Imagem da entrevistada Patrícia + outras cenas dela	"No começo, tive informações... grande inspiração. Com certeza"
4'28" – 4'56"	Cena 11 Imagem da entrevistada Michelle + fotos de apoio + outras cenas dela	"Teve. Meu irmão... antigamente, era mais preconceito do que hoje"
4'57" – 6'59"	Cena 12 Imagem da entrevistada Patrícia	"Hoje, eu sou a única árbitra... graças a Deus, deu tudo certo"
6'59" – 7'46"	Cena 13 Imagem da entrevistada Victoria	"Então... não é fácil. A gente ainda tem... nem 1% do que eles ganham"
7'47" – 8'13"	Cena 14 Imagem da entrevistada Patrícia + fotos de apoio	"Eu acho isso muito triste... é uma coisa que as pessoas consomem muito"
8'13" – 9'06"	Cena 15 Imagem da entrevistada Michelle	"Questão do futebol, eu não vou... dentro do carro, até chegar no treino"
9'06" – 10'01"	Cena 16 Imagem do entrevistado Alex + foto de apoio	"Sobre essa parte de assédio... não teria árbitro no mundo hoje"
10'01" – 10'58"	Cena 17 Imagem da entrevistada Victoria	"Trabalhando ao lado de uma mulher... isso machuca, de certa forma"
10'59" – 12'09"		"Em tudo. Em tudo, tudo... vejo o machismo em todos os momentos, assim"

12'09" – 12'50"	<p>Cena 18</p> <p>Imagem da entrevistada Nathália + fotos de apoio</p>	<p>“Quando eu comecei a trabalhar... que eu não poderia estar ali”</p>
12'51" – 13'33"	<p>Cena 19</p> <p>Imagem da entrevistada Victoria</p>	<p>“Eu acho que a gente acaba sofrendo... vai conhecer alguém que já passou”</p>
13'33 – 16'14"	<p>Cena 20</p> <p>Mini-documentário “#DeixaElaTrabalhar”</p>	<p>Sobe BG Desce BG</p>
16'15" – 17'11"	<p>Cena 21</p> <p>Imagem da entrevistada Nathália + foto de apoio</p>	<p>“Teve um dia... Comigo, foi isso. Foi essa situação”</p>
17'11" – 17'50"	<p>Cena 22</p> <p>Imagem da entrevistada Victoria</p>	<p>“Logo no começo da carreira... criando nessa minha jornada”</p>
17'50" – 18'48"	<p>Cena 23</p> <p>Imagem da entrevistada Patrícia</p>	<p>“Muitas das vezes, a gente... no nível deles nunca”</p>
18'49" – 18'54"	<p>Cena 24</p> <p>Imagem da entrevistada Michelle</p>	<p>“Eu acredito que as críticas são maiores quando uma mulher erra comparado a um homem”...</p>
18'54" – 19'42"	<p>Cena 25</p> <p>Imagem da entrevistada Victoria + fotos de apoio</p>	<p>“No jornalismo local... Goiás está extremamente atrás”</p>
19'42" – 20'44" 20'44" –	<p>Cena 26</p> <p>Imagem da entrevistada Michelle</p>	<p>“Eu acho que esse preconceito... acredito que, um dia, a gente chega lá”</p>

21'28"	Cena 27 Imagem da entrevistada Victoria	"A gente tem que influenciar... porque tem demanda"
21'29" – 21'45"	Cena 28 Imagem da entrevistada Patrícia	"A gente não pode tratar... não é só os homens"
21'45" – 21'49"	Cena 29 Imagem da entrevistada Victoria	"Não acho que sonhos são grandes demais para a gente"
21'49" – 22'20"	Cena 30 Imagem da entrevistada Michelle	"O meu recado para qualquer... as pessoas falarem que você não é capaz"
22'21" – 22'31"	Cena 31 Imagem da entrevistada Victoria	"Não é pensar em acabar com... a gente vai furar"
22'31 – 23'25	Cena 32 - Encerramento	Sobe BG
23'25" – 23'51"	Créditos	Desce BG

ANEXOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem e som no documentário....., realizado pelo aluno Breno Modesto Freitas sob a orientação do professor Enzo de Lisita da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, YouTube e a livre apresentação em festivais, concursos, exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: ALEX RODRIGUES DA SILVA

Endereço: AV. JOÃO DAMASCENO QD. 22 LT. 09 SR. PROGRESSO

Cidade: GOIÂNIA

RG nº: 4912 297

CPF nº: 031 699 581-94

Telefone para contato: 62-98198-4033

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 20 de MAIO de 2021.

Alex Rodrigues da Silva

Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem e som no documentário....., realizado pelo aluno Breno Modesto Freitas sob a orientação do professor Enzo de Lisita da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, YouTube e a livre apresentação em festivais, concursos, exibições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: MICHELLE PEIXOTO SAFATLE

Endereço: RUA C-181 N: 75 ALTO. 1200 ST. NOVA SUIÇA

Cidade: GOIÂNIA

RG n°: 4361038

CPF n°: 006 170 131-95

Telefone para contato: 61 99105-1932

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, _____ de _____ de 2021.

Michelle Peixoto Safatle

Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem e som no documentário....., realizado pelo aluno Breno Modesto Freitas sob a orientação do professor Enzo de Lisita da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, YouTube e a livre apresentação em festivais, concursos, exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: Nathália Freitas Marcelino

Endereço: Av. Waldina N. Brito Ad. 20 Rst. 31. Jd. Dalmeida
m. Ponte

Cidade: Goiânia, Goiás

RG nº: 519 3994

CPF nº: 025 526 461 46

Telefone para contato: 62 98400 - 1748

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 17 de abril de 2021.

Nathália F. Marcelino

Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem e som no documentário....., realizado pelo aluno Breno Modesto Freitas sob a orientação do professor Enzo de Lisita da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, youtube e a livre apresentação em festivais, concursos, exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: Patrícia Bruna dos Santos

Endereço: Avenida Maria Estana ad 66401 Jardim
Balneária

Cidade: Goiânia

RG nº: 4079880

CPF nº: 000549691-82

Telefone para contato:

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 28 de maio de 2021.

Patrícia Bruna dos Santos

Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem e som no documentário....., realizado pelo aluno Breno Modesto Freitas sob a orientação do professor Enzo de Lisita da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, youtube e a livre apresentação em festivais, concursos, exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: Victória Leite Martins Ferraz

Endereço: Rua Anacaji, 342, Parque Amália, apto 204-C

Cidade: Goiânia - GO

RG nº: 59.391.006-0

CPF nº: 075.440.469-23

Telefone para contato:

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 21 de maio de 2021.

Victória Leite Martins Ferraz

Assinatura